

Tempos de Crise: A Liga Metropolitana de Desportes Terrestres e a Cisão do Futebol Carioca (1917 – 1923)

Hugo da Silva Moraes

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP

Rio de Janeiro – Brasil

hs_moraes@hotmail.com

Tempos de Crise

As tensões políticas e esportivas que envolveram dirigentes e clubes cariocas são frutos de um futebol que chega à década de 1920 socialmente multifacetado e cada vez mais autônomo, admitindo leituras econômica, cultural, social e esportiva diferentemente dos padrões estabelecidos pelo amadorismo. Acompanhamos tais mudanças através dos jornais de grande circulação da cidade em que os cronistas especulavam, analisavam, debatiam e questionavam os fatos ocorridos nas temporadas esportivas. E será a partir de uma análise profunda e detalhada destes periódicos que veremos como estes atores sociais interagiram neste contexto em que o amadorismo convivia tensamente com um processo acelerado de profissionalização até culminar numa grave crise em 1924.

Antes de estabelecermos nossas análises sobre as transformações do campo esportivo, devemos compreender algumas questões relativas à Liga Metropolitana de Desportes Terrestres. Fundada em 1917, a LMDT teve como principal bandeira a preservação das normas que garantiam o amadorismo, impostas nos estatutos da antiga entidade, a Liga Metropolitana de Sports Athléticos. A ideia desta entidade era a de manter, oficializar e organizar uma prática de acordo com conceitos propostos pelos clubes fundadores, todos pertencentes às classes alta e média da sociedade carioca que davam ao futebol um *status* de uma “*tradição inventada*” (HOBSBAWN, 2006, p.11) e delimitada pelo amadorismo.

Em princípio, essas regras acabavam por excluir grande parcela da população da cidade dos torneios organizados por essas entidades. Porém, no decorrer dos anos, essa exclusão social foi sendo gradativamente superada. Os clubes populares cresciam

indiscriminadamente nos subúrbios cariocas. Tal quadro foi se tornando cada vez mais evidente e determinante para o malogro das ligas e federações cariocas.

Nesse contexto, o amadorismo – código moral e esportivo que ditava as relações políticas – funcionava como um pressuposto do conjunto de estratégias de pertencimento entre os pares da LMDT. Curiosamente, o comportamento político dos dirigentes contrasta com os eventos ocorridos durante as temporadas de 1922 e 1923, e provavelmente em outros torneios anteriores. Ao mesmo tempo em que o amadorismo era defendido na teoria, na prática – e veremos isso adiante – alguns fatos evidenciam que os clubes de futebol se utilizavam de subterfúgios para garantir alguma vantagem esportiva em relação aos demais clubes. Essas vantagens seriam as quais definimos como elementos de um processo de profissionalização.

A Crise Política na LMDT

Impregnada por uma gama de novos interesses, a percepção dos clubes sobre a prática esportiva havia mudado. Não podemos afirmar que essas entidades estivessem dispostas a preservar o amadorismo. A análise a respeito de alguns fatos ocorridos no início da década de 1920 revela que tanto o amadorismo quanto as práticas não amadoras compartilhavam o mesmo espaço no futebol na cidade.

Na verdade, o cerne da questão estaria relacionado às motivações e interesses de cada entidade na adoção dessas determinadas práticas não amadoras. A prática esportiva fazia com que esses valores – amadores e não amadores - funcionassem como um pêndulo que tendia de acordo com os interesses dos clubes. As armas para a conquista do campeonato de 1923 seriam aquelas dispostas oficial ou extraoficialmente no campo esportivo, fazendo com que a suposta diplomacia entre os clubes fosse ameaçada a cada rodada, quando essas mesmas entidades violavam as regras, impostas de forma explícita ou de uma forma implícita.

A partir deste aspecto, o contexto político vivido pelos representantes dos clubes no seio da LMDT acirrava-se em 1923. Tal crise foi marcada pelo aumento do poder dos “pequenos clubes” após a eleição do Capitão Agrícola Benthlen, do Vila Isabel, que desbancou os principais nomes indicados pelos “grandes clubes”. Tal acirramento pode ser representado pela caracterização de dois grupos expressos por Norbert Elias como os “*estabelecidos*” e os “*outsiders*”. Em sua obra, Elias faz um estudo sobre a população

de Wilston Parva tentando compreender as associações e tensões sociais existentes naquela cidade. Diferentemente de categorias como “*nacionalidade, ascendência étnica, ‘cor’ ou ‘raça’, [...] tipo de ocupação, sua renda e seu nível educacional*” (2000, p.21), os grupos residentes definem “*todo o seu arsenal de superioridade e desprezo grupal [...] no tocante a seu tempo de residência no lugar*” (2000, p.21).

Quando observamos a crise esportiva ocorrida no futebol carioca nos anos de 1923 e 1924, percebemos que os estabelecidos seriam os chamados “*grandes*”¹ clubes, aqueles mais tradicionais, representados principalmente pelo América, Bangu, Botafogo, Flamengo e o Fluminense, detentores de certo prestígio político e esportivo. Principais fundadores das ligas cariocas e donos da maioria de títulos da cidade, os “*grandes clubes*” tinham nas regas amadoras uma forma de preservarem a “*auto-imagem [de] grupo estabelecido*” (ELIAS e SCOTSON, 2000. p.23) mantendo assim os “*seus ‘melhores’ membros*” (2000. p.23) bem instalados “*em posições de poder das quais o grupo estigmatizado*” (2000. p.23) – neste caso os demais clubes – são excluídos.

Já os *outsiders* seriam os chamados “*pequenos*”² clubes, entidades esportivas que se somaram aos outros clubes tradicionais no interior da Liga Metropolitana ao longo dos anos, estigmatizados por não atenderem a todas as exigências dos estatutos. Politicamente, mesmo sendo defensores declarados do amadorismo, esses clubes não possuíam o mesmo peso político que os demais. O desequilíbrio de forças políticas que preservava essa relação de poder foi se modificando ao longo da década de 1910 tornando-se cada vez mais insustentável nos primeiros anos da década de 1920, marcada por uma crise e por uma cisão esportiva no ano de 1924.

Esse desequilíbrio de forças acentuou-se nos últimos meses de 1922, após a indicação dos novos nomes para a presidência da Liga Metropolitana. Mais que zelar pela preservação do amadorismo, os jornais *Correio da Manhã* e *O Imparcial* exigiam uma mudança política profunda anunciando em suas sessões esportivas reportagens com o título “*Precisamos de um homem!*”.³ Para estes jornais, a Liga Metropolitana precisaria de um nome que estivesse acima “*dos interesses puramente políticos de um*

¹ Termo utilizado pelos jornais da época.

² Termo utilizado pelos jornais da época.

³ Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 23 nov. 1922. Correio Sportivo.

clubismo absorvente” e que se comprometesse com as causas do esporte “*com mais superioridade de espírito e com um absoluto desphreendimento pelas vaidades pessoas*”. O novo presidente deveria ser um individuo “*de uma respeitada posição social*” capaz de “*reunir em torno de seu nome, a confiança incondicional de todos os clubes filiados*”.

Diferentemente do ano anterior, a nova diretoria de 1923, apoiada pelos “pequenos clubes”, estava comprometida em realizar uma moralização política afirmando os valores do amadorismo e, ao mesmo tempo, fazer prevalecer os interesses políticos dos “pequenos clubes”, que agora possuíam voz ativa dentro da Liga Metropolitana. Essa situação revela que os estabelecidos – aqueles que antes determinavam politicamente o campo esportivo – estavam francamente ameaçados por estas entidades menos tradicionais. A “*capacidade de estigmatizar*” (ELIAS e SCOTSON, 2000. p.23) de um grupo – neste caso os “grandes clubes” – diminuía ou até se invertia, pois esse “*grupo deix[ou] de estar em condições de manter seu monopólio das principais fontes de poder*” (2000. p.23), fazendo com que esse “*equilíbrio instável de poder*” (2000. p.24) tendesse para os *outsiders* – os “pequenos clubes” – que passaram a retaliar.

Essa retaliação foi sendo esboçada durante toda a temporada de 1923. As brigas políticas fizeram com que os clubes de futebol defendessem seus interesses particulares tornando o discurso do amadorismo cada vez mais frágil. Isso se deve às mudanças políticas dirigidas pelos “pequenos clubes”, fazendo com que os clubes estabelecidos fossem “*expostos a um ataque tríplice – contra seu monopólio das fontes de poder, contra seu carisma coletivo e contra suas normas grupais*” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p.50), impostos durante anos quando esses clubes mais tradicionais detinham o poder político do esporte terrestre da cidade.

Ao passo que essa circunstância se tornava cada vez mais tensa, um velho mecanismo de distinção – o amadorismo – se transformava em uma arma importante para que os “grandes clubes” pudessem preservar o carisma, suas normas grupais e principalmente o controle político sobre o futebol. Os clubes, tanto os “grandes” como os “pequenos”, desfrutavam das benesses que as práticas profissionais proporcionavam. Contudo, diante do clima político cada vez mais tenso, qualquer ato considerado

subversivo às regras amadoras se transformava em um motivo para que os dirigentes trocassem acusações nas reuniões da Liga Metropolitana.

E, de fato, as discussões políticas travadas no ano de 1923 foram seguidas de intensos conflitos, narrados exaustivamente pelos jornais. As sessões no interior da Liga Metropolitana eram compostas por “*cavalheiros verbosos, de uma retórica alambicada, que outra coisa não fazem se não cabotinismo, julgando conquistar popularidade e o [...] prestígio para interesses políticos*”.⁴ As decisões eram tomadas muito mais pela “eloquência” dos discursos de dirigentes ou então de advogados contratados “*que geralmente são sempre os mesmos, a lhes defender a causa, a força, muitas vezes, de sophismas, porque outro argumento não existe*”.

Tais embates demonstram que essas lutas políticas serviam para que os dirigentes pudessem impor respeito e conquistar prestígio diante dos representantes dos clubes adversários. Quando o assunto foi a reforma dos estatutos proposta pelos “grandes clubes”, as reuniões, antes concorridas e disputadas, foram sendo boicotadas pelos “clubes pequenos”, mesmo sendo ameaçados com multas que iam de “*10\$000, 50\$000 e ou 100\$000, conforme essa falta seja a segunda terceira ou quarta consecutiva*”.⁵ O resultado disso foi o prevailecimento das antigas leis, o que impedia assim qualquer movimento de reforma e que, ao mesmo tempo, ratificava as velhas práticas políticas e esportivas já predominantes na LMDT.

Apesar de os “grandes clubes” mostrarem força dentro da Liga Metropolitana no que se diz respeito às reformas do estatuto, as tensões políticas não desapareceriam e, na medida em que os meses se seguiam, o pêndulo que tendia para a preservação das antigas distinções entre grandes e “pequenos clubes” revelou uma nova configuração. A falta de consenso entre os representantes dos clubes fez com que o processo decisório fosse ficando a cargo dos representantes da Liga Metropolitana, principalmente sobre a responsabilidade de seu presidente Agrícola Benthlen. No mês de abril, o Jornal *O Imparcial* publicou uma série de crônicas escritas por um “*conselheiro [...] de elevada posição social, que ocupa cargo de destaque no desporto nacional*”⁶ que se ocultou “*com o pseudônimo de ‘Accacio’*”.

⁴ Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 25 mai. 1923. Correio Desportivo.

⁵ O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 fev. 1923. Vida Desportiva.

⁶ O Imparcial, Rio de Janeiro: 27 abr. 1923. Vida Desportiva.

Mesmo sem termos qualquer outra informação sobre *Accacio*, podemos ter, por meio de suas crônicas, uma ideia de seu posicionamento político. Com um discurso recheado de metáforas e sem revelar nomes de dirigentes ou de clubes, o conselheiro misterioso iniciou a sua primeira crônica elogiando a atitude da *“senhora D. Liga [...] chamando os seus filhos a caminho da ordem”*.⁷ Esse elogio se deve a uma suposta reunião impedida pela Liga Metropolitana em que *“seus filhos mais sérios se reunir[iam] para uma travessura, a convite do mais velho”*. Provavelmente, o filho mais velho era o Fluminense e a travessura teria sido uma reunião organizada pelo clube em que foram tratados assuntos como a *“supressão do imposto dos 10% exigidos [...] pela municipalidade”* e que a Liga, segundo o cronista *“dormiu demasiado”*, deixando de tomar partido a favor de seus *“filhinhos”*, que neste caso seriam os clubes.

Para *Accacio*, esse imposto prejudicava os clubes que perdiam uma boa soma destinada à manutenção de suas sedes. Na terceira crônica, *Accacio* justificou que a não intervenção da LMDT era motivada pelos 10% *“de mão beijada”*⁸ que a entidade também recebia. A atitude da LMDT fez com que o C. R. do Flamengo enviasse um requerimento à prefeitura *“em nome dos [...] clubs”*⁹ tentando, de maneira independente, defender os direitos dos mesmos, que, segundo o cronista, caso essa situação não mudasse, tomariam *“uma atitude enérgica, que poderá abalar nos alicerces”* do futebol carioca.

Em outra oportunidade, o cronista atacou o excesso de impedimentos para a filiação de jogadores nos torneios esportivos da cidade. Apontando uma *“crise de vasta proporções”*,¹⁰ que não se manifesta *“somente na parte [...] técnica, mas também no entusiasmo do público”* *Accacio* culpa a Liga Metropolitana de impedir *“que um grande número de rapazes pratiquem o football”* ou criando-lhes *“tanta dificuldades que elles preferem não vencer, a sujeitarem-se [...]”*. Tal atitude afastou *“muitos dos chamados amadores”*, que *“nada mais são do que profissionaes disfarçados e nenhuma medida é adoptada para suprimir de vez esse abuso”*.

⁷ O Imparcial, Rio de Janeiro: 28 abr. 1923. Vida Desportiva.

⁸ O Imparcial, Rio de Janeiro: 12 mai. 1923. Vida Desportiva.

⁹ O Imparcial, Rio de Janeiro: 15 mai. 1923. Vida Desportiva.

¹⁰ O Imparcial, Rio de Janeiro 6 mai. 1923. Vida Desportiva.

Logo no início do ano, a Liga Metropolitana recebeu uma proposta para que fosse perdoado o *“resto da pena de todos os jogadores de football reunidos por aquela entidade, no anno trasnsacto”*.¹¹ A proposta foi prontamente derrubada na assembleia pela *“grande maioria dos clubs nella representados”*, que tiveram, *“felizmente, um gesto de bom senso e energia de pô-la abaixo. Assim, os faltosos e indisciplinados perderam desta vez a partida”*. Com o recrudescimento das regras relacionadas à inscrição de amadores nos clubes da cidade, os casos de partidas anuladas e jogadores julgados e expulsos do campeonato aumentaram consideravelmente, fazendo com que a politicagem se tornasse mais acirrada no seio da Metropolitana. As crônicas esportivas descreviam que *“folhas corrida de policias; atestados de médicos, vacina de boa conduta”*¹² tornavam-se armas para justificar a inclusão *“no time de jogadores eliminados, sem passes, sem ‘profissão’, sem contagem completa do tempo de estagio ou de inscrição”*.

O radicalismo em relação à inscrição dos jogadores fez com que o Andaraí A.C. se indignasse com a diretoria da Liga Metropolitana. Punido pela LMDT, o clube representado pelo Capitão Eugênio da Costa recorreu ao conselho superior da Liga Metropolitana após perder *“quatro pontos conquistados em prélios renhidos, sido desmarcados pelo conselho divisional”*¹³ pedindo *“misericórdia para tanta adversidade”* e retrucou com ironia àquela medida declarando a entidade que o Andaraí não possuía *“associados e players capazes de representar a Liga nas suas festas e na sua directoria”*.¹⁴ Da mesma forma procedeu o Botafogo F.C. que recorreu *“do acto do conselho da primeira divisão que marcou ao Bangu os dois pontos do match”*¹⁵ vencido pela equipe alvi-negra por 5x3 *“em virtude de uma informação da secretaria, dizendo que o jogador A. Maciel não tinha registro e nem inscrição”*.

A Liga Metropolitana procedeu da mesma forma contra o Vasco da Gama quanto à *“legalidade do registro do jogador [...] João Baptista Soares, conhecido pelo apellido de Nicolino”*.¹⁶ O Carioca F.C. também pleiteou os pontos perdidos em um jogo contra

¹¹ O Imparcial, Rio de Janeiro 20 fev. 1923. Vida Desportiva.

¹² Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 24 jul. 1923. Correio Sportivo.

¹³ O Imparcial, Rio de Janeiro: 8 ago. 1923. Vida Desportiva.

¹⁴ O Imparcial, Rio de Janeiro: 23 fev. 1923. Vida Desportiva.

¹⁵ Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 25 abr. 1923. Correio Sportivo.

¹⁶ Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 9 mai. 1923. Correio Sportivo.

o Vila Isabel pelo fato do “jogador João Franco, que figurando no team do Jardim Zoológico não [tinha] a inscrição necessária” e o mesmo Carioca se viu prejudicado quando foi “negado o registro ao jogador Salvador Correia”¹⁷ mesmo “depois dele ter disputado todo o campeonato deste ano”.

Além da alteração de resultados, a Liga Metropolitana foi irredutível em situações como a alteração de jogos oficiais e amistosos. De acordo com o *Correio da Manhã*, o C.R. Vasco da Gama, que “nunca esteve muito nas boas graças daquela gente”¹⁸ teve o pedido de transferência do jogo com o Bangu negado pela Metropolitana que, “do alto das suas tamanquinhas, para fazer uma careta ao club campeão, negou a transferência.” O America teve rejeitada a proposta de se proibir “jogos amistosos depois de finalizada a temporada oficial do campeonato [...]”¹⁹ provocando a revolta de alguns associados do clube que por meio do seu representante, o Dr. Mário Newton de Figueiredo, declarou “que não conhece nenhum dispositivo nas leis da Liga Metropolitana que fundamenta uma intervenção direta na vida do club [...]”.

O caso mais contundente ocorreu com o Flamengo, que se negou a disputar um amistoso contra o Corinthians, campeão da cidade de São Paulo. Inicialmente a partida deveria ser disputada com o C.R. Vasco da Gama, o campeão carioca, que alegou a existência de “alguns jogadores doentes”,²⁰ e que curiosamente apresentou a equipe “por completo no jogo de domingo imediato”. Segundo o cronista, mesmo tendo a possibilidade de escalar “o 1º team do Vasco com elementos do 2º team, que todo mundo sabe também poderoso” a Liga Metropolitana preferiu convidar o C.R. do Flamengo poucos dias antes da partida. Colocando-se contra esta decisão, o C.R. do Flamengo foi advertido publicamente “sendo declarado que o rubro-negro estava comprometido a substituir o C.R. Vasco da Gama no confronto com o S.C. Corinthians de S. Paulo, e negou-se a realizar o mencionado jogo”.²¹ Em resposta às imposições da Liga, o C.R. do Flamengo não cedeu seus jogadores ao selecionado carioca, forçando a

¹⁷ Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 12 set. 1923. Correio Sportivo.

¹⁸ Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 22 ago. 1923. Correio Sportivo.

¹⁹ O Imparcial, Rio de Janeiro: 8 fev. 1923. Vida Desportiva.

²⁰ O Imparcial, Rio de Janeiro: 17 ago. 1923. Vida Desportiva.

²¹ O Imparcial, Rio de Janeiro: 14 ago. 1923. Vida Desportiva.

entidade a tomar uma atitude mais radical ameaçando “os *players rubro-negros de suspendê-los por um anno, por falta de não aceitarem as suas indicações para o scratch*”²² e impedindo o clube de participar de um amistoso contra o Paulistano.

Além de enfrentar um amplo movimento de contestação, o capitão Agrícola Benthlen passou a ser acusado de manter uma administração corrupta e centralizadora pelos jornais. As críticas serviram para que os cronistas levantassem uma série de suposições relacionadas ao futuro da Liga Metropolitana. Algumas notícias começavam a especular hipóteses como a de que “o *Botafogo, o Fluminense, o Flamengo, o Mangueira, o Andarahy, o S. Christovão, o America, o Hellênico*”²³ saíam da Liga, disputando “*um campeonato official na Liga Brasileira, que é sub-liga*” da Metropolitana.

Porém, por mais que as ações do capitão Agrícola Benthlen evidenciassem um desapareço dos “grandes clubes” e de alguns “pequenos” mais influentes, as eleições para a diretoria de 1924 mostraram que os chamados “pequenos clubes” estavam dispostos a manter o capitão na liderança da entidade. Esta confirmação foi retratada pelo *Correio da Manhã* como “*uma demonstração de força [...]*”²⁴ dos “*clubs pequenos*” que “*com a derrota da chapa dos clubes grandes, visaram provar que o prestígio do número ainda é uma potência dentro da liga*”.

Conclusão

As práticas profissionais eram comuns na antiga Liga Metropolitana e, da mesma forma, o amadorismo deixava de ser uma regra tornando-se um discurso vazio utilizado pelos dirigentes nas sessões plenárias. Por mais que a criação de uma nova entidade – a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA) - tentasse garantir a sua distinção a partir do critério do amadorismo, o processo de profissionalização já havia fugido do controle dos clubes de futebol. Um clássico de futebol movimentava um mercado que envolvia a venda de milhares de exemplares de jornais, a venda de ingressos por parte dos clubes, o gasto com uniformes, alimentação, massagistas,

²² O Imparcial, Rio de Janeiro: 25 set. 1923. Vida Desportiva.

²³ O Imparcial, Rio de Janeiro: 11 out. 1923. Vida Desportiva.

²⁴ Correio da Manhã, Rio de Janeiro: 14 nov. 1923. Correio Sportivo.

técnicos e com a manutenção dos estádios. Dentro desta perspectiva, as questões políticas e esportivas que envolviam as competições ganhavam um peso significativo.

As normas que faziam referência ao acesso de determinados grupos sociais às equipes de futebol perdiam peso dentro desse contexto. Por mais que fossem negros, caixeiros, choferes, estivadores, imigrantes pobres, rapazes ricos ou pequenos empresários, os critérios para a participação desses indivíduos nos clubes e equipes de futebol não se restringiam mais a estas questões. Agora, independente da condição social, os clubes buscavam, nos terrenos baldios e nos clubes de menor expressão, atletas com habilidade, força física, velocidade, destreza, tempo para treinar, entre outros atributos. Em troca, estes indivíduos recebiam ofertas financeiras, fosse por meio do “bicho” ou pelo emprego nas casas comerciais dos sócios – os clubes abriam suas portas para indivíduos de origens mais modestas, interessados em obterem alguma renda.

Bibliografia

BOUDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.

ELIAS, Norbert e **SCOTSON**, John L. *Os Estabelecidos e Outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000.

HELAL, Ronaldo, **GORDON Jr.**, César. *Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol*. In: **HELAL**, Ronaldo, **SOARES**, Antonio Jorge, **LOVISOLO**, Hugo. *A Invenção do País do Futebol. Mídia Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001.

HOBSBAWN, Eric e **RANGER**, Terence (Orgs.). *A Invenção das Tradições*. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 2006.

LOBO, Eulália Lahmeyer. *Imigração Portuguesa no Brasil*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2001.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). In: **SILVA**, Francisco Carlos Teixeira, **SANTOS**, Ricardo Pinto (Orgs.). *Memória Social dos Esportes. Futebol e Política: A Construção de uma Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad. 2006

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania. Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2000.

ROCHA, José da Silva. Club de Regatas Vasco da Gama: Histórico (1898-1923). Rio de Janeiro: Ed. Gráfica Olímpica, vol.1, 1975.

RODRIGUES FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. 4º Ed. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2003.

SOARES, Antonio Jorge. *Futebol, Raça e Nacionalidade no Brasil: Releitura da História Oficial*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1998. 336p. (Tese, Doutorado em Educação Física).

_____, Antonio Jorge. *História e Invenção das Tradições no Campo de Futebol*. In: **HELAL**, Ronaldo, **SOARES**, Antonio Jorge, **LOVISOLO**, Hugo. *A Invenção do País do Futebol. Mídia, Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001.

_____, Antonio Jorge. *O Racismo no Futebol do Rio de Janeiro nos Anos 20: Uma História de Identidade*. In: **HELAL**, Ronaldo, **SOARES**, Antonio Jorge, **LOVISOLO**, Hugo. *A Invenção do País do Futebol. Mídia Raça e Idolatria*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2001.

_____, Antonio Jorge. *Futebol Brasileiro e Sociedade: A Interpretação Culturalista de Gilberto Freyre*. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. Porto: v.7, n.3, p.145-172. 2007.